

CAPÍTULO 1

O PROBLEMA E O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

O primeiro problema com que temos de nos confrontar na análise do pensamento e da linguagem refere-se à relação entre as diversas funções mentais, à relação entre as diversas formas de actividade da consciência. Trata-se de um aspecto fundamental em múltiplos problemas da psicologia. Na análise do pensamento e da linguagem, o problema central é o da *relação entre o pensamento e a palavra*. Todos os restantes aspectos são secundários e se subordinam logicamente a esta primeira questão: não é sequer possível enunciá-los adequadamente antes de resolvermos essa questão preliminar e fundamental. Vale a pena notar que o problema das relações entre as diversas funções mentais continua quase completamente por investigar. Com efeito, trata-se de um novo problema do domínio da psicologia contemporânea.

Pelo contrário, o problema do pensamento e da linguagem é tão velho como a própria psicologia. Mas, no seu âmbito, a questão da relação entre o pensamento e a palavra representa o seu aspecto mais confuso e menos elaborado. As formas de análise atomísticas e funcionais que dominaram a psicologia ao longo da última década resultaram na análise das funções mentais em termos que as isolam umas das outras. Os métodos psicológicos e as estratégias de investigação desenvolveram-se e amadureceram de acordo com esta tendência orientada para o estudo de processos separados e isolados pela abstracção. O problema das ligações entre as diversas funções mentais — o problema da sua organização no interior da estrutura integrada da consciência — não era incluído no âmbito da investigação.

Evidentemente, nada há de novo na noção de que a consciência é um todo unificado, e de que as distintas funções se ligam umas às outras na sua actividade. Tradicionalmente, todavia, a natureza unificada da consciência — a existência de conexões entre as funções mentais — era admitida como simplesmente dada. As conexões entre elas não foram objecto de investigação empírica. A razão por que assim foi só se torna manifesta quando consideramos um importante pressuposto tácito, pressuposto que acabou por fazer parte dos fundamentos da investigação psicológica. Esse pressuposto (que nun-

ca chega a ser claramente formulado e é inteiramente falso) é o de que as ligações ou conexões entre as funções mentais são constantes e invariáveis, e de que as relações entre a percepção e a atenção, a memória e a percepção, são imutáveis. Este pressuposto implica que as relações entre as funções podem ser tratadas como constantes e que não há razão para que tais constantes sejam consideradas nos estudos que tomam as próprias funções por objecto. Como mencionámos atrás, o resultado foi que o problema das relações interfuncionais continuou em grande medida por abordar no âmbito da psicologia moderna.

O facto tem inevitavelmente efeitos sérios sobre a abordagem do problema do pensamento e da linguagem. Qualquer exame retrospectivo da história deste problema no domínio da psicologia torna imediatamente evidente que esta questão central — a questão da relação entre o pensamento e a palavra — foi em grande medida ignorada.

As tentativas de resolução do problema do pensamento e da linguagem oscilaram sempre entre duas posições extremas: entre uma *identificação* ou *fusão* completa de *pensamento e palavra*, e uma *separação* igualmente metafísica, absoluta, entre os dois, uma *dissociação* entre os dois termos. As teorias do pensamento e da linguagem permaneceram sempre prisioneiras do mesmo círculo encantado. Estas teorias exprimiram sempre sob a sua forma pura uma das duas posições extremas, ou tentaram unificá-las situando-se neste ou naquele ponto intermédio, oscilando constantemente entre uma e outra.

Se começarmos pela posição formulada na Antiguidade, segundo a qual o pensamento é «a linguagem menos o som», poderemos reconstituir o desenvolvimento desta primeira tendência — no sentido de identificar o pensamento e a linguagem — até aos psicólogos e reflexologistas americanos contemporâneos. Estes últimos consideram o pensamento como um reflexo cujo constituinte motor foi inibido. Não é só a resolução do problema da relação entre pensamento e palavra, mas a sua própria formulação que, nesta perspectiva, se torna impossível. Se o pensamento e a palavra coincidem, se são uma só e a mesma coisa, não pode existir qualquer investigação sobre a relação entre ambos. Não podemos estudar a relação de uma coisa consigo mesma. O problema torna-se, portanto, à partida sem solução. A questão fundamental é pura e simplesmente esquivada.

As perspectivas que representam o outro extremo, as perspectivas que partem da ideia de que o pensamento e a linguagem são independentes um do outro, estão, como é óbvio, em melhores condições no que se refere à abordagem do problema. Os representantes da Escola de Würzburg*, por exemplo, esforçam-se por desligar o pensamento de todos os factores de ordem sensível, incluindo a palavra. A ligação entre pensamento e palavra é vista como

* Escola do princípio do século xx, fundada na referida cidade alemã, por Külpe, e entre cujos membros se contam Ach e Bühler. As suas concepções e métodos de análise transpõem para o domínio psicológico as ideias da fenomenologia de Brentano e Husserl. (N. T.)

uma relação puramente externa. A linguagem é representada como a expressão exterior do pensamento, como sua veste. Neste quadro, é com efeito possível pôr-se a questão da relação entre pensamento e palavra e procurar resolvê-la. No entanto, esta abordagem — abordagem compartilhada por várias tradições diferentes em psicologia — tem regularmente por resultado a incapacidade de resolver o problema. Na realidade, revela-se em última instância incapaz de chegar a uma formulação adequada da questão. Embora as tradições em causa não ignorem o problema, tentam cortar o nó, mais do que desatá-lo. O pensamento verbal é decomposto nos seus constituintes; é decomposto nos elementos do pensamento e da palavra e estes são depois representados como entidades estranhas entre si. Depois de estudadas as características do pensamento enquanto tal (quer dizer, do pensamento independente da linguagem) e depois de isoladas as características da linguagem das do pensamento, procede-se a uma tentativa de reconstruir uma conexão entre um e a outra, de reconstruir uma interacção externa e mecânica entre dois processos diferentes.

Por exemplo, um estudo recente da relação entre as duas funções resultou na conclusão de que os processos motores associados à linguagem desempenham um papel importante facilitando o processo do pensamento, melhorando em particular a compreensão pelo sujeito de materiais verbais difíceis. A conclusão do estudo foi que a linguagem interior facilita a consolidação do material verbal e cria um registo do que é necessário compreender. Quando a linguagem interior participava nos processos implicados pela compreensão, ajudava o sujeito a sentir, a apreender e a isolar o importante do menos importante no movimento do pensamento. E descobria-se também que a linguagem interior desempenha um papel de factor auxiliar na transição do pensamento para a linguagem em voz alta.

Como este exemplo documenta, uma vez que o investigador decompôs a formação psicológica unificada do pensamento verbal nos seus elementos constituintes, é forçado a estabelecer uma forma de interacção puramente exterior entre esses elementos. É como se estivesse a lidar com duas formas de actividade completamente heterogéneas, com formas de actividade desprovidas de ligações internas. Os representantes desta segunda tradição têm sobre os representantes da primeira a vantagem de serem pelo menos capazes de pôr a questão da relação do pensamento com a linguagem. A fraqueza da sua abordagem está no facto de a formulação que propõem do problema ser falsa e excluir toda a possibilidade da sua correcta resolução. Esta incapacidade de formular correctamente o problema é função directa do método de decomposição do todo nos seus elementos, método que exclui a investigação da relação interna do pensamento com a palavra. A questão crítica aqui é, portanto, a do método. Se quisermos enfrentar com êxito o problema, teremos de começar por esclarecer a questão dos métodos utilizados para o investigar.

A investigação de qualquer formação mental pressupõe a análise, mas esta análise pode assumir uma de duas formas fundamentalmente diferentes. To-

dos os insucessos experimentados pelos investigadores nas suas tentativas de resolução do problema do pensamento e da linguagem podem ser atribuídas ao facto de terem recorrido à primeira dessas duas formas de análise. Do nosso ponto de vista, a segunda representa o único meio ao nosso alcance de nos encaminharmos para uma verdadeira resolução do problema.

A primeira forma de análise começa pela decomposição do todo mental complexo nos seus elementos. Trata-se de um modo de análise que podemos comparar com a análise química da água, que a decompõe em hidrogénio e oxigénio. O traço essencial desta forma de análise é que os seus produtos são de uma natureza diferente da do todo do qual são derivados. Os elementos perdem as características inerentes ao todo e possuem propriedades que o todo não possui. Quando abordamos o problema do pensamento e da linguagem decompondo-o nos seus elementos, adoptamos a estratégia do homem que recorre à decomposição da água em hidrogénio e oxigénio na sua busca de uma explicação científica das características da água: da sua capacidade de extinguir o fogo ou da sua conformidade com a lei de Arquimedes, por exemplo. Para seu desgosto, esse homem acabará, porém, por descobrir que o hidrogénio arde e que o oxigénio alimenta a combustão. Nunca conseguirá explicar as características do todo através da análise das características dos seus elementos. De modo semelhante, uma psicologia que decompõe o pensamento verbal nos seus elementos ao tentar explicar as suas características em vão procurará a unidade que caracteriza esse mesmo todo. Tais características só são inerentes ao fenómeno enquanto todo unificado. Quando analisamos o todo nos seus elementos, essas características evaporam-se. Na sua tentativa de reconstruir as referidas características, o investigador fica sem outra alternativa que não seja procurar formas exteriores e mecânicas de interacção entre os elementos.

Uma vez que o seu resultado são produtos que perderam as características do todo, este processo não é uma forma de análise no verdadeiro sentido da palavra. Em momento nenhum é uma «análise» que enfrente o problema que se destinava a tratar. De facto, podemos, não sem justificações, considerá-la a antítese da verdadeira análise. A fórmula química da água tem uma relação consistente com todas as características da água. Aplica-se à água sob todas as suas formas. Ajuda-nos a compreender as características da água, tanto as que se manifestam nos grandes oceanos, como as que se manifestam numa gota de chuva. A decomposição da água nos elementos que a compõem é incapaz de conduzir a uma explicação de tais características. Trata-se de uma abordagem que pode ser descrita mais adequadamente como um meio que permite passar a um nível mais geral do que como um meio de análise propriamente dita, quer dizer, como um meio de divisão no pleno sentido da palavra. É portanto uma análise incapaz de esclarecer nos seus aspectos característicos e na sua diversidade concreta a relação entre pensamento e palavra que encontramos no âmbito da nossa vida quotidiana — incapaz de seguir o fenómeno desde os momentos iniciais do seu desenvolvimento na infância e ao longo dos seus posteriores processos de diversificação.

A natureza contraditória desta forma de análise torna-se manifesta nas suas aplicações à investigação psicológica. Em lugar de nos proporcionar uma explicação das características concretas do todo em que estamos interessados, subordina este todo a uma ordem mais geral de fenómenos. Ou seja, o todo completo é subordinado às exigências de leis que nos permitem explicar o que é comum a todos os fenómenos de linguagem ou a todas as manifestações do pensamento, à linguagem e ao pensamento enquanto generalidades abstratas. Na medida em que leva o investigador a ignorar a natureza unificada e completa do processo estudado, trata-se de uma forma de análise cujos resultados acabam por ser profundamente enganadores. As relações internas do todo unificado são substituídas por relações exteriores e mecânicas entre dois processos heterogêneos.

Os resultados negativos desta forma de análise em nenhuma outra parte se deixam ver melhor do que na investigação do pensamento e da linguagem. A palavra é comparável à célula viva na medida em que é uma unidade de som e de sentido* que contém — sob uma forma simples — todas as características fundamentais do fenómeno completo do pensamento verbal. A forma de análise que divide o todo nos seus elementos cinde, com efeito, o mundo em duas partes. E o investigador que se ocupa do fenómeno do pensamento verbal acaba por ver-se confrontado com a tarefa de estabelecer uns tantos nexos associativos exteriores e mecânicos entre as duas partes em que o todo completo foi cindido.

Segundo um dos mais importantes porta-vozes da linguística contemporânea, o som e o sentido estão na palavra desligados um do outro. Unem-se no signo, mas coexistem num isolamento recíproco completo. Não é de admirar que esta perspectiva tenha conduzido aos resultados mais lamentáveis na investigação do som e do sentido no interior da linguagem. Divorciado do pensamento, o som perde todos os traços únicos que o caracterizam enquanto som da linguagem humana, todas as características que o distinguem dos outros tipos de som existentes na natureza. Por obra da aplicação desta forma de análise ao domínio do pensamento verbal, o estudo vê-se limitado a tomar por objecto apenas as características físicas e mentais deste som desprovido de sentido, apenas aquilo que é comum a todos os sons da natureza. Enquanto aquilo que é específico desta forma particular de som fica por explorar. Por isso, a investigação conduzida nesta perspectiva foi incapaz de explicar porque é que um som possuidor de certas características físicas e mentais está presente na linguagem humana ou como é que esse mesmo som funciona enquanto elemento constituinte da linguagem. Em termos análogos, o estudo do

* Opta-se aqui por uma certa «tradição terminológica», com raízes (entre outras) na introdução em Portugal da linguística e da poética de Roman Jakobson, bem como da temática «som/sentido» que nela desempenha um papel arquitectónico fundamental. Mas outras escolhas seriam admissíveis, contrapondo e/ou articulando, por exemplo, «som» e «significado», ou «som» e «significação» — e tê-lo presente poderá contribuir para um melhor entendimento do texto vygotkskyano. (N. T.)